

## Educação e o tempo presente: menos *carpe diem*, mais alegria na escola

Education and present time: less *carpe diem*, more joy at school

Educación y tiempo presente: menos *carpe diem*, más alegría en la escuela

**Ivan Fortunato** - Instituto Federal de São Paulo - IFSP | Itapetininga | SP | Brasil. E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br |  ORCID

**Resumo:** Este artigo é um ensaio que, a partir do filme Sociedade dos Poetas Mortos e dos livros Alunos Felizes e A Alegria de Ensinar, busca provocar a reflexão sobre a escola e suas prerrogativas de educar para o pleno desenvolvimento da pessoa, exercício da cidadania e a qualificação profissional. Ao cotejar o sentido de *carpe diem* – um dos principais mantras do fictício professor Keating – com pressupostos teóricos de Georges Snyders e Rubem Alves a respeito da felicidade e alegria na escola, espera-se revelar elementos para uma necessária axiologia da educação escolar, cada vez mais voltada apenas para aspectos cognitivos, pragmáticos e evidenciados por meio de testes de medidas padrão.

**Palavras-chave:** Educação escolar. Sociedade dos Poetas Mortos. Georges Snyders.

**Abstract:** This paper is an essay that, from the film Dead Poets Society and the books Happy Students and They Joy of Teaching, seeks to provoke reflection about school and its prerogatives to educate for the full development of the person, exercise of citizenship and professional qualification. By contrasting the sense of *carpe diem* – one of the main mantras of the fictional professor Keating – with Georges Snyders' and Rubem Alves' theoretical assumptions about happiness and joy at school, it is hoped to highlight elements for a necessary axiology of school education, increasingly focused only on for cognitive, pragmatic and evidenced by standard measures testing.

**Keywords:** School Education. Dead Poets Society. Georges Snyders.

Resumen: Este artículo es un ensayo que, de la película *Society of the Dead Poets and the Happy Students* y *The Joy of Teaching*, busca provocar la reflexión sobre la escuela y sus prerrogativas de educar para el pleno desarrollo de la persona, ejercicio de ciudadanía y calificación profesional. Al comparar el significado de *carpe diem*, uno de los principales mantras del maestro de ficción Keating, con los supuestos teóricos de Georges Snyders y Rubem Alves sobre la felicidad y la alegría en la escuela, se espera que revele elementos para una axiología necesaria de la educación escolar, cada vez más orientado solamente a cognitiva, pragmática y demostrada por medidas de prueba estándar.

Palabras clave: Educación escolar. Sociedad de poetas muertos. Georges Snyders.

Did they wait until it was too late to make from their lives even one iota of what they were capable? Because, you see gentlemen, these boys are now fertilizing daffodils. But if you listen real close, you can hear them whisper their legacy to you. Go on, lean in. Listen, you hear it? ... *Carpe* ... hear it? ... *Carpe, carpe diem*, seize the day boys, make your lives extraordinary<sup>1</sup> (SOCIEDADE..., 1989).

Começam-se as reflexões aventadas neste ensaio, a respeito dos propósitos da educação escolar, com uma das célebres frases do mestre John Keating, na notória cena em que marca sua estreia como professor na Academia Welton, um renomado (embora fictício) colégio interno norte-americano para meninos – escola da qual também é egresso. Keating é professor de poesia e um dos personagens principais do filme “Sociedade dos Poetas Mortos” (SOCIEDADE..., 1989) o qual retrata, dentre outras características, a opressão da escola tradicional relativa a todos os aspectos da vida, exceto o cognitivo. Uma das premissas dessa escola é preparar os alunos para “vencer na vida”, o que implica boas notas nos exames, pois são essas que irão garantir o acesso a universidades de ponta as quais, por sua vez, irão avalizar o ingresso no mercado de trabalho promissor. A clássica Academia Welton deixa isso a nu, sendo mantida pela e para a alta sociedade, na expectativa de que seus herdeiros irão trabalhar duro para manutenção desse status quo.

O professor Keating inaugura seus trabalhos pedagógicos tentando se aproximar de seus alunos a partir daquilo que lhes é, evidentemente, comum: a própria escola. Logo no primeiro contato com o alunado, diz que também estudou ali e, tendo ele sido capaz de “sobreviver àquele inferno”, tal princípio seria válido para todos. Assim, sua primeira ação educativa, com a turma de formandos, é tirá-los da sala de aula e levá-los a um hall onde se exibem as fotos das turmas anteriores, seus troféus, prêmios e realizações acadêmicas e profissionais. Ali, começa a dizer o quanto cada um seria responsável pela própria vida, mas não com o intuito de alertar os meninos para os desafios futuros. Pelo contrário, chama a atenção para o tempo presente, pois, em breve, todos terão se transformado em adubo. Eis, então, que proclama seu mais famoso bordão: *carpe diem*. Na tradução literal, a expressão significa “colheita diária”, cujo sentido metafórico poderia ser compreendido como “aproveite o momento”.

---

<sup>1</sup> Tradução livre: Eles esperaram até que fosse tarde demais para fazer das suas vidas uma centelha do que seriam capazes? Porque, vejam os senhores, esses meninos agora estão fertilizando flores. Mas, se escutarem bem de perto, podem ouvi-los sussurrar seu legado para você. Vão em frente, inclinem-se. Escutam, ouvem? ... *Carpe*... ouviram isso? ... *Carpe, carpe diem*, aproveitem o dia dos garotos, torne suas vidas extraordinárias.

Parece, a partir dessa cena introdutória, que Keating estaria inclinado a realizar um trabalho educativo que fosse diferente daquilo para o qual havia sido contratado: preparar aqueles jovens segundo os princípios meritocráticos da Academia Welton. Isso porque, ao revelar ao alunado que o final da vida seria igual para todos, independentemente de suas realizações, parecia que Keating estaria chamando a atenção para algo bastante substancial na vida: a própria experiência de viver. Contudo, ao longo de suas aulas, o professor tende a uma leitura equivocada da chamada “teoria da curvatura da vara”, expressão popularizada no imaginário da educação brasileira por Demerval Saviani (2013), ao afirmar que da mesma maneira que não se endireita uma vara colocando na posição correta, mas curvando-a para o outro lado, “no embate ideológico não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas, desautorizar o senso comum” (p. 227). Assim, ao invés de inquietar, de provocar, de mostrar outros caminhos possíveis para a escola, Keating apenas “entortou a vara” para o outro lado, corrompendo o sentido da escola. De modo subversivo, infantil até, o professor cativou seus estudantes para instigá-los a uma batalha pessoal contra a escola, sendo o final do filme marcado pelo trágico suicídio do jovem Neil Perry, a demissão do próprio professor Keating e uma sensação bastante vaga a respeito de qual seria o sentido do filme, principalmente com relação à escola.

Afinal, estaria o filme apresentado uma crítica à ortodoxia de uma escola voltada para resultados? Ou seria a respeito dos métodos mais tradicionais de ensino? Ou estaria o longa-metragem chamando a atenção para as expectativas da elite com relação à educação de suas novas gerações? Ou reafirmaria a necessidade de um ensino conservador, frente à capacidade de o professor desenvolver uma metodologia realmente inovadora? E essas são apenas algumas perguntas, a respeito da educação escolar, que o filme deixa sem resposta clara para os espectadores, tendo se tornado, dessa forma, alvo de diversas investigações acadêmicas.

Vimos isso, por exemplo, no artigo elogioso de Serey (1992), no qual o autor expressa que as intenções do professor Keating seriam a de elevar o sentido da existência, vivendo a vida com plenitude, aproveitando cada momento, ou seja, *carpe diem*. Para esse autor, Keating teria adversários docentes na Academia Welton, que olhavam com despeito para sua prática pedagógica a qual contrariava os princípios ortodoxos da escola, ao mesmo tempo em que cativava alguns jovens. Ao final, quando da trágica opção do estudante Neil Perry em descontinuar sua própria vida, Serey (1992) afirmou que a escola exerceu sua autoridade

opressora para transformar Keating no único responsável por essa morte, isentando, assim, de qualquer culpa o autoritarismo de seu pai e da própria escola.

Nessa mesma direção, temos o escrito de Olivier (2001), que compreende as atitudes do professor como uma espécie de elemento qualificado, capaz de desestabilizar a estrutura secular edificada na escola por meio dos seus quatro pilares: tradição, honra, disciplina e excelência. Isso fica patente na memorável cena em que ele se coloca acima do livro-texto que seus alunos têm em mãos, argumentando que aquilo que estava escrito seria puro “excremento”, pois o sentido da poesia seria o de incitar uma batalha contra o *status quo*, permitindo que cada um aprendesse a sentir e a pensar por si próprio. Assim, Keating brada contra a teoria que ensina a mensurar a qualidade de um poema e instiga o alunado a rasgar seus livros, evitando que, na batalha já instaurada, os jovens deixassem suas almas e emoções perecerem.

Dessa forma, para Olivier (2001), o professor Keating foi tomado apenas como um bode expiatório para justificar o suicídio do jovem Neil. Afinal, argumenta o autor, nem a pressão familiar para que o adolescente deixasse de se interessar pelo teatro para focar nos exames para ingresso na universidade, nem a opressão do sistema educativo tradicional teriam sido motivadores suficientes para a decisão trágica de Neil Perry. Haveria de ser culpado o professor de vanguarda, que brada, do alto de uma mesa, *carpe diem*, um lema que contraria os quatro pilares de tão importante escola.

Já na dissertação de Nascimento (2003), que escolhe investigar o filme Sociedade dos Poetas Mortos porque nele a educação é tema central (no qual seria possível identificar a presença de distintas teorias educacionais), a análise das atitudes do professor é outra: Keating já não é mais visto como um professor *avant-garde*, perseguido pela severa escola da tradição, honra, disciplina e excelência. Ao mencionar o lema de Keating, o *carpe diem*, a autora identifica um problema grave de irresponsabilidade do professor, qualificando-o como um hedonista, praticante de uma pedagogia da transgressão, contrariando uma espécie de pedagogia do êxito, marca principal da tradicional Academia Welton. Mas, seria aproveitar o momento a forma mais adequada de resistência ao pragmatismo do êxito?

Não há nada de exemplar na máxima *carpe diem* do professor Keating, pois suas atitudes não promovem mudança alguma. Afinal, fazer com que os meninos rasguem páginas dos livros, subam nas mesas da escola e se reúnam secretamente para ler poemas em uma caverna fora dos domínios da escola não significa, necessariamente, aproveitar o momento. Mas, são atitudes

tomadas em respeito a uma autoridade docente construída, conforme Döppenschmitt (2009), pela sua personalidade histriônica, ou seja, alguém fundamentalmente orgulhoso, dramático e que necessita ser o centro das atenções. Isso fica patente na já delineada cena na qual Keating ridiculariza o autor do livro-texto da disciplina que leciona, incitando seus alunos a rasgarem as folhas em que continham suas observações. Segundo Döppenschmitt (2009), Keating estaria subvertendo os métodos tradicionais de ensino, renovando-os, com o intuito de “ensiná-los a viver plenamente por meio da arte” (p. 73). Mas o filme apenas evidencia um professor que esconde seu autoritarismo por trás de um pseudo-carisma, buscando ter os alunos como aliados na rebeldia contra o sistema. Mesmo que tal rebeldia seja alienada de sentidos críticos, políticos, sociais...

Para McLaren e Leonardo (1998), embora realizada em tom de inspiração e de ações dramáticas – como subir na mesa, para se mostrar contra a autoridade escolar –, a pedagogia de Keating é pobre demais, em termos de critérios qualitativos, para promover práticas emancipatórias. Afinal, tivesse efetivamente agenciado o pensamento crítico e libertário nos estudantes, Neil Perry não teria enganado seu pai quando decidiu experimentar o teatro como forma de autoconhecimento, nem teria mentido ao próprio professor de que havia confrontado o pai a respeito de seus desejos de ser ator. É mais provável, ainda, que o jovem Neil não teria iludido a si próprio, pensando que, ao contrariar seu pai assumindo o papel principal no teatro, estaria efetivamente vivendo o *carpe diem*. De acordo com os autores, o que o professor Keating faz é simplificar e até mesmo ignorar formas mais apropriadas de resistência, sendo que apenas “celebra involuntariamente a ideologia da transgressão individualista que reforça o próprio tradicionalismo e inércia ética que tenta subverter” (McLAREN; LEONARDO, 1998, p. 141, tradução livre).

Com base nesses argumentos, espera-se trazer para o debate dois assuntos. Primeiro, que os quatro pilares da Academia Welton – tradição, honra, disciplina e excelência – são os mesmos, de modo generalizado, de outras escolas. Afinal, é praticamente consenso de que na escola se deve aprender, obedecer, focar e preparar-se para um futuro de sucesso, portanto o que Welton faz é apenas demonstrar uma fórmula secular e eficaz para que tudo isso aconteça. Segundo, que a noção de *carpe diem* não deve ser compreendida, conforme se vê na Sociedade dos Poetas Mortos, como uma simples afronta à ortodoxia escolar, pois isso apenas implica “vergar a vara” para outra direção, sem saber qual direção seria, tornando o processo do mesmo modo apático,

autoritário, desinteressante etc. Não obstante, apesar das lições impróprias sobre *carpe diem*, vale a pena insistir no propósito mais profícuo desse conceito, o qual pode ajudar a construir uma outra escolarização. Até mesmo, quem sabe, uma escolarização pautada também em aproveitar o tempo presente.

Essa forma de pensar a escola foi substancialmente qualificada por George Snyders (2001), ao propor a ideia de alunos felizes. O autor compreende que os métodos da escola voltados para a construção do futuro do alunado seriam mais bem aproveitados se utilizados para o manejo de um tempo presente, o qual é efetivamente vivido. Para Snyders (2001), pensar no futuro é pensar em prolongar a existência, mas isso somente deve ser feito se há também satisfação na vida que se vive no tempo do agora. Por isso, afirma: “Preparação para o futuro e alegria no presente são duas funções que deveriam ser complementares, caso nenhuma tentasse obliterar a outra” (p. 29).

Com isso, Snyders (2001) constrói uma ideia de escola bastante diferente da tradicional, cujo sentido mais profícuo foi dramatizado pelos quatro pilares da Academia Welton. Para o autor, deve-se considerar a escola como um espaço para o tempo presente, silenciando a proposta de preparação para o futuro; afinal, este é algo sempre incerto, pautado somente em hipotéticos devires. Sobre sua proposta, Snyders (2001, p. 29) anotou o seguinte: “Eu gostaria de uma escola onde a criança não tivesse que saltar as alegrias da infância, apressando-se em fatos e pensamentos, rumo à idade adulta, mas onde pudesse apreciar em sua especificidade os diferentes momentos de suas idades”.

Snyders (2001) se expressa temeroso com a escola tradicional (tal qual ilustrada pela Academia Welton), pois sendo apenas um local de preparação para a incerteza do futuro, torna-se um local de “espera”. Dessa forma, parece que a escola reduz os significados das atividades tanto dos professores quanto dos alunos, pois o que se faz serve apenas para “depois”, indicando um tempo sempre posterior, nunca presente. Em certa medida, embora pareça contrário à escola, o autor não se mostra adverso ao espaço escolar como preparação para o futuro; alerta, contudo, se preocupa com a negação do tempo presente em detrimento do devir. O provável “sucesso” (o que quer que isso implique) depois (no futuro) não deve ser mais importante que os desejos, os anseios, as emoções vividas no tempo presente da infância, da juventude, nem mesmo da vida adulta. Por isso, é preciso ter em mente que “se o que predomina é a insatisfação do presente, o indivíduo arrisca-se a buscar no futuro uma espécie de refúgio e é de se temer que ele não tenha a

força suficiente para construir esse futuro, para construir-se nesse futuro” (SNYDERS, 2001, p. 30).

Teria sido a insatisfação do presente, então, o estopim para o trágico desfecho da vida de Neil Perry? Ou será que jovem não conseguiu unir forças para construir-se no seu próprio futuro, recorrendo, então, ao suicídio como refúgio de um agora infeliz e de um devir incerto ou, pior, certo de que seria antecipadamente desafortunado? Tais hipóteses parecem coerentes à luz dos pressupostos teóricos de Snyders (2001) a respeito da felicidade e alegria na escola. Assumindo esses pressupostos como coerentes, é possível revisitar, então, algumas cenas ocorridas na Academia Welton à procura de alegria e felicidade. Ao fazer isso, ao longo do filme, fica patente que essas emoções não poderiam existir sem o professor Keating. Não obstante, já se discutiu ao longo deste texto que o mantra *carpe diem* de Keating não estava direcionado para o tempo presente, mas para uma espécie de rebeldia sem causa, tomada por rancor com a própria escola, numa espécie de zombaria e pirraça. Mesmo assim, é possível identificar um ponto de encontro entre o fictício professor Keating e o já falecido educador Georges Snyders: ambos pretendiam renovar a escola.

Carvalho (1999), ao debruçar-se sobre os escritos de Georges Snyders produzidos ao longo de toda sua carreira acadêmica, notou que o autor teve dois grandes momentos: primeiro, apresentou ferrenhas críticas à escola pelo ponto de vista do materialismo histórico-dialético; segundo, notabilizou-se pela imersão na proposta de se incluir alegria e felicidade nas práticas escolares. Nesse segundo momento, Carvalho (1999) notou que Snyders passou a se referir não mais apenas à “escola”, mas à “escola de seus sonhos”, na qual o propósito fundante não seria o ensino e o aprendizado daquilo que supostamente os alunos usariam “mais tarde para ser alguém na vida”, mas viveriam a alegria do tempo presente – o que, no seu entendimento, é que possibilitaria uma formação mais sólida para o futuro.

Observa-se, portanto, na leitura que faz Carvalho (1999), que havia uma clara intenção de Snyders em renovar o sentido da escola, substituindo a preparação do futuro pela experiência do presente. Não havia críticas contra essa instituição, reconhecendo ser ela necessária à sociedade. O problema reside justamente na visão mais ampla que se tem da própria sociedade: se essa se pauta somente na construção de um suposto futuro melhor, a escola não tem outra alternativa a não ser fazer o mesmo. Com isso, sugere que se repense a própria cultura em termos de se valorizar o tempo presente antes de um tempo futuro, buscando a alegria de ser e estar. Na

perspectiva de Snyders, não se trata de uma alegria como estado de graça, pela qual se busca um afastamento das dificuldades e problemas da vida cotidiana. Trata-se, segundo Carvalho (1999, p. 164) da...

[...] alegria de compreender, de sentir, descobrir a realidade, de poder decifrá-la e sobre ela atuar, de romper com as inseguranças e incertezas, buscar a plenitude, as formas mais acabadas, seja nas artes, nas técnicas, na ciência, etc. A alegria que Snyders tem em mente é a busca da originalidade, da criatividade, da auto-superação e crescimento constante das potencialidades dos indivíduos, da supressão (ou pelos menos sua diminuição) das inseguranças, do medo e incertezas. É a alegria de saber, de conhecer e poder escolher criticamente as diversas possibilidades oferecidas pela realidade.

Assim, ao examinar os pressupostos teóricos da “escola dos sonhos” de George Snyders, espera-se ter se revelado que o autor teria uma proposta de *carpe diem* diferente e muito mais qualificada que a rebeldia histriônica do quimérico John Keating. Isso quer dizer que não é suficiente ser contrário à ortodoxia dos quatro pilares da escola tradicional, pois compreender o sentido de “aproveitar o momento” requer reconhecê-lo como algo muito mais complexo que simplesmente se desvairar e ignorar que dificuldades e decepções também fazem parte da existência humana. Assim, a alegria na escola de George Snyders implica um *carpe diem* no qual se conecta com os sentidos da experiência vivida, ao mesmo tempo em que se criam condições para uma vida igualmente proveitosa no futuro. Keating, por outro lado, queria apenas rasgar o que não lhe agradava, ignorando o necessário enfrentamento das dificuldades.

Não obstante, mesmo quando se percebe essa distinção e positivamente se constata a necessidade de se trabalhar a educação escolar pela perspectiva da alegria, restam muitas dúvidas sobre “como” se faz isso. Talvez porque a alegria não seja mesmo componente da escola, exceto nos sonhos de Georges Snyders. Quem ajuda a evidenciar isso é Rubem Alves (1994) no seu livro de crônicas sobre “A alegria de ensinar”, no qual apresenta a escola por meio de metáforas um tanto quanto ácidas, como a do moedor de carnes, que processa a subjetividade de um ser onírico, tornando-o um pacote igual a todos os demais que passaram pelo mesmo processo. Embora traga para seu livro essa analogia terrível, não é essa escola que Rubem Alves deseja. Ele também pretende uma escola onde a alegria seja algo manifesto, não reservado, como ele mesmo apontou, para os momentos de aula vaga ou para os dias em que se celebra estar doente demais para ir à escola.

Para Alves (1994), a escola deve ensinar felicidade e alegria. Mas fica consternado ao revelar que não encontrou, ao longo de sua vida, nenhum estudante que tenha concordado com

ele. Nem mesmo professores, porque estes lhe diziam que não poderiam ensinar sobre alegria ou felicidade, pois estavam ocupados demais ensinando geografia, história, português, matemática etc. O autor até lançou uma hipótese: se perguntar aos estudantes sobre a alegria na escola, serão destaque as amizades, os intervalos, os encontros do lado de fora..., mas “pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender” (ALVES, 1994, p. 11).

Alves (1994) nos esclarece ainda mais sobre essa alegria que ele quer ver na escola, sendo, nas suas próprias palavras, “uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos” (p. 14). Trata-se de um fascínio pela própria vida, que não pode ser esmagado pelos sólidos pilares da tradição, da honra, da disciplina e da excelência. Isso porque tais pilares implicam na manutenção do passado e na construção do futuro sem, necessariamente, importar-se com o tempo presente, com as possibilidades de se descobrir as riquezas da experiência, seja da maravilha de aprender sozinho algo que o mundo já conhece, seja da tentativa de desbravar alguma coisa nova. Por isso, Alves (1994) propõe que a escola empenhe-se em ser o lugar onde se ensina o que não se sabe, ou melhor, onde o tempo que nela se passa, como professor ou estudante, seja o tempo vivido da experiência, no qual se dedica a aprender a ser.

Assim, ao trazer para este ensaio uma trama tecida entre as características dramatizadas pelo personagem John Keating, como professor transgressor da ortodoxia escolar da Academia Welton, e as ideias progressistas de alegria e felicidade na escola por dois distintos acadêmicos, Georges Snyders e Rubem Alves, fica a esperança de se ter revelado elementos para uma necessária axiologia da educação escolar. Isso porque essa educação tem se mostrada cada vez mais envolvida apenas nos aspectos cognitivos, pragmáticos e evidenciados por meio de testes de medidas padrão – inclusive em âmbito global.

Ao final, pode-se conjecturar que permanece a vontade inquietante de questionar como é que se parte para a construção de um cotidiano escolar no qual governam as ideias de alegria e felicidade. Isso porque tal cenário parece mesmo que só pode existir em uma escola de sonhos, pois o que prevalece são os quatro pilares da tradição escolar. Não se pode olvidar, obviamente, de que algumas escolas de sonhos se tornaram concretas, como o próprio Rubem Alves (2001) descobriu ao escrever sobre a Escola da Ponte, em Portugal, no livro “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”. Há que se mencionar, ainda, a escola democrática de Summerhill, fundada por Alexander Neill (1978) com base no autogoverno, na felicidade e na

liberdade. Outro exemplo interessante de escola que se ocupa com o trabalho educativo significativo é a fundada por Célestin Freinet (1975), em Vence, na França.

Mas, quando não se tratam dessas exceções sobre as quais se escrevem tratados a respeito da importância de uma educação renovada, o que se pode dizer é que a escola desenvolveu, ao longo dos séculos, um modo pragmático de ignorar o momento vivido para preparar seus estudantes para o futuro. Da mesma forma, portanto, a escola pode desenvolver meios para se edificar sobre outros pilares, como o da alegria no aqui-agora da experiência vivida, não no sentido de se curvar a vara para o lado oposto, mas de encontrar um equilíbrio entre esses dois caminhos.

## Referências

- ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: ARS Poética, 1994.
- CARVALHO, R. M. B. de. Georges Snyders: em busca da alegria na escola. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 17, n. 32, p. 151-170, 1999.
- DÖPPENSCHMITT, E. O esvaziamento da experiência docente: relatos orais de professores provocados com base na exibição do filme Sociedade dos Poetas Mortos. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 71-84, 2009.
- FREINET, C. **As técnicas de Freinet da escola moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
- McLAREN, P.; LEONARDO, Z. Deconstructing surveillance pedagogy: dead poets society. **Studies in the Literary Imagination**, Atlanta, v. 31, n. 1, p. 127-147, 1998.
- NASCIMENTO, A. S. R. do. **Educação e Carpe Diem**: reflexões sobre a teoria pedagógica no filme Sociedade dos Poetas Mortos. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003.
- NEILL, A. S. **Um mestre contra o mundo**: o fracasso que floriu numa nova escola. São Paulo: IBRASA, 1978.
- OLIVIER, B. The amplification of reason, or the recuperation of imagination: Peter Weir's Dead Poets Society. **South African Journal of Philosophy**, África do Sul, v. 20, n. 2, p. 171-190, 2001.
- SAVIANI, D. Escola e democracia: para além da "teoria da curvatura da vara". **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, 2013.
- SEREY, T. T. *Carpe Diem*: lessons about life and management from Dead Poets' Society. **Journal of Management Education**, Califórnia, v. 16, n. 3, p. 374-381, 1992.
- SNYDERS, G. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- SOCIEDADE dos Poetas Mortos. Direção de Peter Weir. Burbank. Roteiro de Tom Schulman. Califórnia: Walt Disney Studios, 1989. 1 DVD (2h20min.).